

Violência e perseguição contra jornalistas: quando informar vira um ato de coragem.

Category: BRASIL, GERAL

escrito por Alice Catharinne | 5 de fevereiro de 2026



Em artigo contundente, o jornalista Fábio Costa Pinto denuncia perseguição e “estupidez coletiva” na Bahia.

O jornalista e conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Fábio Costa Pinto, publicou um manifesto em que detalha a escalada de violência e perseguição contra profissionais de comunicação no Brasil e, no estado da Bahia, não tem sido diferente.

No texto intitulado “Violência e perseguição contra jornalistas: quando informar vira um ato de coragem”, o autor relata episódios pessoais de intimidação e utiliza conceitos sociológicos para explicar o atual cenário de hostilidade à imprensa.

Fundamentado nas teorias do historiador Carlo Cipolla e do teólogo Dietrich Bonhoeffer, Costa Pinto analisa o fenômeno da “estupidez coletiva” e como o poder nas mãos de indivíduos estúpidos pode ser mais perigoso do que a própria criminalidade organizada.

O jornalista, que é membro das Comissões de Liberdade de

Imprensa e Direitos Humanos, afirma estar a ser seguido e monitorizado em represália ao seu trabalho de denúncia contra abusos de poder e crimes contra minorias.

O artigo destaca dados da FENAJ e do Repórteres Sem Fronteiras, alertando para o crescimento do assédio judicial o uso de processos milionários como ferramenta de censura – e a vulnerabilidade de jornalistas que atuam fora dos grandes centros urbanos. “Não existe democracia sem liberdade de imprensa. Defender jornalistas é defender o direito de todos à verdade”, afirma Costa Pinto.

Leia na íntegra o artigo:

Lauro de Freitas, 23 de Janeiro de 2026.

Continua após a publicidade

Por: Fábio Costa Pinto*

Em 13 de janeiro de 2025, em Lauro de Freitas, Bahia, um incidente me levou a retomar meus artigos e a denunciar o que venho enfrentando há anos: a perseguição e a estupidez coletiva, sem falar na inveja e no medo do que eu poderia revelar.

Continua após a publicidade

Bem, a atitude dessa perseguição e a estupidez coletiva, encontrei explicação nas reflexões de dois grandes intelectuais. Primeiro, o historiador italiano Carlo Cipolla, para quem “os estúpidos são mais perigosos que os bandidos e os malvados”, porque causam perdas a outros sem obter qualquer ganho para si mesmos. Em seguida, a reflexão do filósofo Dietrich Bonhoeffer, membro da resistência alemã antinazista, que na prisão tentou entender como um povo tão culto pôde apoiar Hitler. Ele concluiu que a Alemanha foi vítima de uma

“estupidez coletiva”, que não é um defeito psicológico, mas um fenômeno sociológico e contagioso.

Há quatro anos, venho denunciando e cobrando das autoridades policiais e jurídicas a apuração e punição de crimes contra jornalistas, radialistas e profissionais da imprensa, além de povos originários, quilombolas, negros, mulheres, crianças e idosos, ou seria perseguição política?. O que eu tenho vivenciado, imagino, é uma reação direta a essa atuação. Venho sendo seguido na rua, em mercados, farmácias, bancos e nas redes sociais, numa tentativa de prejudicar meu trabalho digno e ético. “Que mal faz uma pessoa de bem?”, pergunto, diante de tanta perversidade.

Minha atuação é uma resposta a esse cenário. Não sou apenas um jornalista, sou um ativista. Membro do Conselho Deliberativo da ABI e de comissões de direitos humanos e liberdade de imprensa, escrevo artigos como colaborador em vários sites e portais como Brasil 247, Tribuna da Imprensa Livre, portal de notícias IBI, Jornal Brasil Popular, entre outros, para dar voz aos invisíveis. Minha luta é um lembrete constante de que a impunidade não é mais suportável em um país com esperanças. Diante da estupidez e da covardia, devemos sempre registrar um boletim de ocorrência, saber quem são os incomodados, ou quem é o mandante ou se é só um criminoso, já registrei dois, na delegacia virtual. A luta para que a justiça prevaleça, será a consequência.

Jornais

No Brasil, exercer o jornalismo tem se tornado, cada vez mais, um ato de coragem e na Bahia não é diferente. A violência e a perseguição contra jornalistas deixaram de ser episódios isolados para se tornarem um problema estrutural que ameaça diretamente a liberdade de imprensa e, conseqüentemente, a democracia. Em um país que se diz democrático, é alarmante que profissionais responsáveis por informar a população sejam

alvos constantes de intimidação, agressão e silenciamento.

Relatórios recentes da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e do Repórteres Sem Fronteiras apontam que o Brasil figura, com frequência, entre os países mais perigosos das Américas para o exercício do jornalismo. Casos de ameaças, agressões físicas, ataques virtuais, processos judiciais abusivos e assassinatos de jornalistas continuam a ocorrer, especialmente contra aqueles que investigam corrupção, crime organizado, violência policial e abusos de poder local.

Grande parte dessas agressões acontece fora dos grandes centros urbanos, onde jornalistas trabalham com pouca visibilidade e quase nenhuma proteção. Em cidades pequenas e médias, denunciar irregularidades envolvendo políticos, empresários ou grupos criminosos pode significar viver sob ameaça constante. O resultado, em alguns casos, é a autocensura: reportagens deixam de ser publicadas, investigações são interrompidas e a população permanece desinformada.

Além da violência física, o Brasil enfrenta um cenário preocupante de perseguição simbólica e institucional. Ataques verbais contra jornalistas, vindos inclusive de autoridades públicas, ajudam a criar um ambiente hostil ao trabalho da imprensa. Quando líderes políticos deslegitimam jornalistas, estimulam seus seguidores a fazer o mesmo, normalizando o ódio, a intimidação e a violência. Esse discurso não é inofensivo: ele abre espaço para agressões reais.

Outro fator grave é o uso do sistema judiciário como forma de intimidação, por meio de processos excessivos e pedidos de indenizações, até milionárias contra jornalistas e veículos de comunicação. Esse tipo de perseguição, conhecido como assédio judicial, não busca justiça, mas o esgotamento financeiro e psicológico do profissional, funcionando como uma forma indireta de censura.

A impunidade também é uma marca desse problema no país. Muitos crimes contra jornalistas não são devidamente investigados, e os mandantes raramente são responsabilizados. Essa ausência de respostas do Estado transmite uma mensagem perigosa: atacar a imprensa pode sair barato. Sem justiça, a violência se repete e se aprofunda.

É preciso dizer com clareza: não existe democracia sem liberdade de imprensa. Quando jornalistas são calados, quem perde é a sociedade. O cidadão deixa de ter acesso a informações essenciais para formar opinião, fiscalizar governantes e exercer plenamente sua cidadania. A violência contra jornalistas não é um problema da categoria, mas uma ameaça direta ao direito coletivo à informação.

Proteger jornalistas no Brasil exige mais do que discursos em defesa da liberdade de expressão. Exige políticas públicas eficazes, investigações sérias, punição dos responsáveis e compromisso real das instituições com a democracia. Também exige uma mudança cultural: é necessário reconhecer o jornalismo como um pilar democrático, não como um inimigo.

Defender jornalistas é defender o direito de todos à verdade. Em um país marcado por desigualdades, corrupção e desinformação, silenciar a imprensa é um retrocesso que o Brasil não pode aceitar, e nem a Bahia.

Em resumo, este artigo não é apenas uma crítica social; ele é um testemunho de vida e uma convocação à ação. Não tenho medo de covarde.

*Fábio Costa Pinto, jornalista de profissão, membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa ABI e membro das Comissões de Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos. Jornalista editor do portal de notícias – Inteligência Brasil Imprensa (IBI). Conselheiro Nato da Fundação Hansen Bahia.

Nota do Coletivo IBI:

Prezados amigos,

Inicialmente agradecemos o apoio que estamos recebendo. O nosso portal, com informação e ética, dá notícias de todo o Brasil. Hoje, com mais de 200 mil publicações.

Para a manutenção do trabalho, precisamos do seu apoio.

Fonte: IBI e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso em 05/02/2026/13:31:01

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:93984046835)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:93984046835) (Claro)

- Site: www.folhadoprogresso.com.br e -

mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e -

mail: adeciopiran.blog@gmail.com